



GT 12. Antropologia das Relações Humano-Animal

Coordenador(es):

Andréa Barbosa Osório Sarandy (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Flávio Leonel Abreu da Silveira (UFPA - Universidade Federal do Pará)

Sessão 1 - Pragas, peçonhas e animais hostis

Debatedor/a: Ana Paula Perrota Franco (UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)

Sessão 2 - Conservação, tempo e espaço nas relações humano-animais

Debatedor/a: Jean Segata (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Sessão 3 - Predação, proteção e trabalho animal

Debatedor/a: Felipe Ferreira Vander Velden (UFSCAR - Universidade Federal de São Carlos)

O campo das relações humano-animal, ou Animal Studies, teria emergido na década de 1970 em meio a movimentos de proteção animal que, não obstante, remontam ao século XIX. Na verdade, os animais participam das análises antropológicas há muito tempo. Algumas análises identificaram dois paradigmas correntes: um que pode ser chamado de materialista, em busca do animal “real”; e outro semiótico, pós-estruturalista ou simbólico, em busca de representações. Mais recentemente, a emergência de reflexões sobre o perspectivismo ameríndio realçou a centralidade dos animais em aspectos da vida religiosa e cosmológica de populações ameríndias, com um forte impacto nas conhecidas relações entre natureza e cultura. O presente Grupo de Trabalho pretende ser um espaço para reflexões teóricas e pesquisas empíricas acerca das relações entre animais humanos e não humanos, a partir de um viés antropológico. Serão aceitos trabalhos tanto sobre as percepções simbólicas quanto sobre relações concretas materiais entre ambos. Entre eles, destacam-se produções voltadas aos animais de estimação, de abate, de tração, animais da fauna silvestre brasileira ou estrangeira, caça, criações, rinhas, concursos, turismo, animais de laboratório; em meio urbano, rural ou entre populações ameríndias e mesmo fora do continente americano; relações cotidianas, científicas, religiosas, alimentares, ideológicas, morais, artísticas, legislação, políticas públicas, saúde, entre outras possibilidades.

Alegando os espíritos: Cosmopolítica Munduruku e a luta por território

Autoria: Barbara do Nascimento Dias (UNB - Universidade de Brasília)

O povo Munduruku, situado na região do médio Tapajós, tem suas narrativas míticas permeadas por transformações metamórficas de humanos em seres não humanos- em vegetais, animais ou em espíritos. Toda a história do território e de tudo que o habita tem raízes nas narrativas míticas do tempo dos “antigos”, quando os antepassados se metamorfosearam em outros seres e acionaram poderes transformativos sobre o espaço e o tempo. Esses seres, hoje, ocupam outras formas no mundo, possuem agência também na vida dos humanos e podem intervir diretamente na vida social das aldeias. Provocam novas temporalidades e espacialidades e produzem novos seres. As estratégias utilizadas pelos Munduruku para negociar com esses seres perpassam por ações ritualizadas cujo objetivo é levar alegria aos espíritos, que em troca lhes proporcionam a abundância de alimentos provenientes da roça, das caças e dos peixes. No âmbito do mundo dos animais, por exemplo, os Munduruku em sua forma humana são considerados pajés e aqueles que estão doentes no mundo dos animais vão ao encontro dos humanos em busca de cura. A agência curativa dos pajés, para esses animais, está no ato de comê-los. Após serem servidos como refeição, retornam à floresta para ocuparem outros corpos. É comum ver os Munduruku chamarem por mãe alguns animais que



consideram importantes em sua cosmologia, pois as "mães", chamadas por eles de putchasi, são protetoras de grupos de animais, responsáveis por manterem sua existência e reprodução. Quando os invasores matam as "mães dos animais" ou pegam objetos sagrados dos "antigos", isso causa diversos impactos ao povo Munduruku, pois quando isso acontece podem surgir doenças e grandes catástrofes. Esse tipo de relação entre humanos e não humanos, que buscam conviver e ocupar o mundo mutuamente sem que haja caos, é chamado por Stengers (2018) de cosmopolítica. Mas essa relação cosmopolítica se encontra ameaçada diante das invasões madeireiras e garimpeiras que diariamente destroem e ameaçam seus corpos/territórios. A luta por território, nesse sentido, está intrinsecamente ligada aos lugares sagrados, aos espíritos dos animais e aos seres não humanos que ajudam a dar direcionamento nas estratégias de luta e resistência política. A luta do povo Munduruku, desse modo, é pelos múltiplos mundos existentes, pelas múltiplas histórias e cenários onde habitam.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: